

A FORMAÇÃO DE CIDADÃOS: ALFABETIZAÇÃO E ENSINO DE ORTOGRAFIA

Amanda Cordeiro Quintella¹
amandacquintella@yahoo.com

Laryssa Sena Palmeira²
laryssa.senna@hotmail.com

Marilene Sipriano Xavier Eveling
marileneemoises@hotmail.com

Polyana Nayane Laier
polyana.nayane@gmail.com.br

Graduandas do curso de Letras na UFJF

Resumo: Este artigo visa analisar observações feitas em sala de aula, utilizando como base textos sobre concepções de alfabetização e de ensino de ortografia, a fim de responder a duas questões: (i) a alfabetização e o ensino de ortografia estão sendo trabalhados na escola atrelados ao letramento? e (ii) os profissionais observados colaboram com a escola em sua função de formadora de cidadãos? As práticas buscaram não intervir no cotidiano das salas de aula, no intuito de observar aspectos da prática pedagógica. As turmas observadas contemplam o início do ensino fundamental, nas redes estadual e federal; o término do processo de alfabetização no âmbito estadual e as consequências deste processo no ensino de ortografia nos últimos anos do ensino fundamental, para jovens e adultos. As atividades são descritas e analisadas no decorrer do artigo, e levam à conclusão de que o atual contexto escolar não trabalha com a perspectiva do o letramento efetivamente, mas busca formar cidadãos. Portanto, pode ser que a educação caminhe para mudanças, se abranger a diversidade escolar existente no cenário atual.

Palavras-chave: Ensino de Língua Portuguesa. Alfabetização. Letramento. Ortografia.

1 Introdução

O presente artigo foi proposto na disciplina "Práticas de Saberes Escolares de Língua Portuguesa", do terceiro período do curso de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, no primeiro semestre de 2015, contemplando o total de 120 horas de observação em sala de aula, com o propósito de analisar as atividades desenvolvidas no ensino fundamental sobre alfabetização e ortografia. Busca-se verificar se as metodologias adotadas pelos professores das escolas observadas são adequadas em sala de aula e se eles se baseiam nas teorias dos autores utilizados aqui.

Devido à existência de diferentes âmbitos escolares e contextos sociais dos alunos, é necessário um ensino de ortografia e um processo de alfabetização que contemplem essas diversas instâncias. Será analisado nas seções seguintes se as "bagagens culturais diversificadas" (KLEIMAN, 2007) dos alunos são levadas em

consideração, ou seja, se as práticas de letramento estão sendo consideradas nesses processos.

A partir disso, são propostas duas questões que servirão como base para a análise das observações: (i) a alfabetização e o ensino de ortografia estão sendo trabalhados na escola atrelados ao letramento? e (ii) os profissionais observados colaboram com a escola em sua função de formadora de cidadãos? Essas questões serão melhor entendidas a partir da explicação do embasamento teórico.

O artigo está dividido da seguinte forma: serão apresentadas, primeiramente, as escolas, logo depois o embasamento teórico, seguido das análises acerca das práticas escolares e as considerações finais.

2 Apresentação das escolas

Nesta seção, cinco turmas de escolas da Zona da Mata mineira, que foram objeto de estudo para este artigo, serão contextualizadas. As escolas serão chamadas de A, B, C e D, respectivamente e foram observadas por quatro alunas da disciplina descrita na seção anterior.

As práticas analisadas na escola "A" foram observadas por Amanda Cordeiro Quintella em uma turma de primeiro ano do Ensino Fundamental de uma escola estadual. Esta turma continha, aproximadamente, vinte e cinco alunos, com faixa etária entre cinco e seis anos. Entre os estudantes se encontravam silábicos e pré-silábicos, segundo a professora.

As práticas de observação descritas na escola "B" foram realizadas por Laryssa Sena Palmeira em uma turma vespertina de primeiro ano do Ensino Fundamental de um colégio de aplicação federal. As práticas foram realizadas exclusivamente em uma turma com vinte alunos entre seis e sete anos de idade, pré-silábicos e silábicos (silábicos em sua maioria). A turma foi observada durante as aulas de matemática, realizadas integralmente às quartas-feiras.

Polyana Nayane Laier observou, na escola "C", as práticas escolares de uma turma de terceiro ano do Ensino Fundamental de uma escola de rede municipal, com alunos de oito e nove anos, sendo que dos vinte alunos matriculados, somente quinze mantêm frequência regular.

Na escola "D", Marilene Sipriano Xavier Eveling analisou duas turmas de rede estadual, sendo uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental (que será

chamada de turma 1) e outra de aceleração que cursava os 8º e 9º anos do ensino fundamental ao mesmo tempo (que receberá o nome de turma 2).

3 Embasamento teórico

Os principais textos utilizados como base para a construção das análises feitas neste artigo abordam concepções de alfabetização e ortografia, nas quais o letramento é parte essencial, como acrescenta Soares,

Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado (2003, p. 47).

Morais (2007) explica o que seria a ortografia e os diversos métodos mais adequados para se ensiná-la. O autor aponta um ensino de ortografia que indique para o aluno sua função como recurso social de modo a cristalizar a língua. Para isso sugere a utilização de textos que se apliquem à realidade dos alunos, dentre outras vias de realizar essa aproximação. "Quando compreende a escrita alfabética e consegue ler e escrever seus primeiros textos, a criança já aprendeu o funcionamento do sistema de escrita alfabética, mas ainda desconhece a norma ortográfica" (MORAIS, 2007, p. 20) e que função social da ortografia, quando trabalhada em projetos de letramento, incentiva o aluno a perceber a importância de saber ortografia.

As autoras, Ferreiro e Teberosky (1999), descrevem o aprendiz, em processo de alfabetização, formulando hipóteses a respeito do sistema de escrita, percorrendo um caminho que pode ser representado nos níveis pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético. Elas sugerem uma linha regular no processo de aprendizagem, organizada em três grandes períodos: 1º) o da distinção entre o modo de representação icônica (imagens) ou não icônica (letras, números, sinais); 2º) o da construção de formas de diferenciação, controle progressivo das variações sobre o eixo qualitativo (variedade de grafias) e o eixo quantitativo (quantidade de grafias). Esses dois períodos configuram a fase pré-linguística ou pré-silábica; 3º) o da fonetização da escrita, quando aparecem suas atribuições de sonorização, iniciado pelo período silábico e terminando no

alfabético. Assim, sua teorização se fundamenta no pressuposto de que a escrita é uma construção real como sistema de representação historicamente acumulado pela humanidade, e pela criança que se alfabetiza.

No processo de alfabetização será abordada a importância do uso e do contato dos alunos com textos reais, e a relevância da reflexão fonética relacionada às letras e a "reinvenção da alfabetização", proposta por Soares (2003) em seu texto de mesmo nome e abordada também no texto de Albuquerque (2012), segundo a qual é necessária não só a convivência com textos, mas também um treinamento sistemático e motor do sistema alfabético, como enfatizado nos excertos abaixo:

Não basta que a criança esteja convivendo com muito material escrito, é preciso orientá-la sistematicamente e progressivamente para que possa se apropriar do sistema de escrita. Isso é feito junto com o letramento. Mas, em primeiro lugar, isso não é feito com os textos 'acartilhados' – "a vaca voa, ivo viu a uva" –, mas com textos reais, com livros etc. Assim é que se vai, a partir desse material e sobre ele, desenvolver um processo sistemático de aprendizagem da leitura e da escrita. (SOARES, 2003, p. 19)

[...] defendemos que as crianças possam vivenciar, desde cedo, atividades que as levem a pensar sobre as características do nosso sistema de escrita, de forma reflexiva, lúdica, inseridas em atividades de leitura e escrita de diferentes textos (ALBUQUERQUE, 2012, p. 22).

O processo de alfabetizar, de acordo com Albuquerque, é eficiente quando leva-se em consideração a vivência anterior do aprendiz, já que uma pessoa é letrada antes mesmo de ser alfabetizada. Além disso, o aluno aprende com mais consistência quando entende a finalidade do que é aprendido, sendo a alfabetização feita a partir de textos reais uma forma de ajudá-los nisso. Soares também diferencia as correntes de alfabetização analítica e construtivista, destacando que um ensino que aborde ambas é importante, uma vez que nenhuma delas apresentou bons resultados quando foi aplicada separadamente. Atentamos também para o que Rojo mostra sobre o multiletramento,

Por força da linguagem e da mídia (digitais) que as constituem, essas tecnologias puderam muito rapidamente misturar a linguagem escrita com outras formas de linguagem (semioses), tais como a imagem estática (desenhos, grafismos, fotografias), os sons (da linguagem falada, da música) e a imagem em movimento (os vídeos). E o fizeram de maneira hipertextual e hipermediática (ROJO, 2010, p. 28).

Além da diferença entre as redes escolares (municipal, estadual etc), existem diferenças dentro das salas de aula. Os alunos são diferentes, com vivências e realidades distintas, dessa forma faz-se necessário um ensino que seja útil e que os incentive a refletir.

[...] o leitor é sujeito ativo do processo. Na leitura, não age apenas decodificando, isto é, juntando letras, sílabas, palavras, frases, porque ler é muito mais do que apenas decodificar. Ler é atribuir sentidos. E, ao compreender o texto como um todo coerente, o leitor pode ser capaz de refletir sobre ele, de criticá-lo, de saber como usá-lo em sua vida (CAFIEIRO. 2010, p. 86).

Como ideia geral, será verificado se a escola está cumprindo o seu papel de formadora de cidadãos, como aponta Rangel (2010), ou seja, se está considerando a heterogeneidade de vivências dos alunos e se estão preparando-os para atuar na sociedade de forma consciente, “[...] quanto melhor a escola desempenhar sua função formadora, mais eficazmente promoverá a inclusão social e a cidadania” (RANGEL, 2013, p. 184).

4 Prática escolar

Descrevem-se, nesta seção, as práticas observadas nas escolas e são feitas análises, a partir do embasamento teórico. Desta forma, nas próximas subseções, as práticas serão expostas individualmente.

Escola A

Nesta turma, as regras colocadas pela professora dentro da sala de aula são colaborativas para um empenho das crianças na participação coletiva e na organização do ambiente. No quadro a rotina do dia era sempre escrita, especificando a ordem dos momentos de entrada, atividades, intervalo e saída. Além disso, regras como manter a sala limpa e organizada, respeitar os colegas e respeitar os combinados eram listadas em um canto do quadro para servir de lembrete aos alunos. Quando as regras começavam a ser desrespeitadas, a professora os alertava e fazia marcas perto da regra que não havia sido seguida,

tratando da boa convivência, desse modo, com o um trabalho coletivo dos alunos. A saída de sala também era organizada: o aluno que saísse levantava um tubo de cola branca, que ficava na beirada do quadro e quando voltava a abaixava novamente, indicando que outro colega poderia sair se houvesse necessidade de beber água ou ir ao banheiro. Essas regras colaboram com a função da escola de formar cidadãos, como ressalta Rangel (2010).

Aprendendo a conviver e a agir dentro de um grupo, as crianças poderão se adaptar melhor às situações no mundo real. Além disso, são colocadas em contato com textos reais que fazem parte do cotidiano delas. Mesmo que ainda não saibam ler, este contato é muito importante, já que as pessoas podem ser letradas antes mesmo de alfabetizadas, como aponta Albuquerque, crianças e adultos, ainda analfabetos, trazem de seu convívio social conhecimentos sobre textos que circulam.

Atualmente ainda convivemos com um alto índice de analfabetos, mas não podemos dizer que essas pessoas são "iletradas", pois sabemos que um sujeito, criança ou adulto, que ainda não se apropriou da escrita alfabética, envolve-se em práticas de leitura e escrita por meio da mediação de uma pessoa que sabe ler e escrever e, nessas práticas, desenvolve conhecimentos sobre os textos que circulam na sociedade (2012, p. 17).

O letramento é, então, um item importante no processo de alfabetização. Algumas atividades elaboradas na sala de aula descrita serão agora analisadas, levando em consideração os textos usados como base para este artigo.

Para a análise da primeira atividade selecionada, enfatizo a importância da alfabetização aliada ao letramento. Como propõe Soares (2003), a alfabetização deve ser construída em um processo sistemático de aprendizagem da leitura e da escrita, com textos reais.

Nesta atividade, a professora pretendia ensinar a letra "o" a partir da poesia, "ABC da Mônica":

Tem na oca e nos óculos
Tem no ouro e no osso
Vem na ostra e nas ondas
Duas vezes no almoço.

Após pedir para cada aluno – que sabe ler – ler um verso, ela pediu aos demais alunos para identificarem o que havia em comum nas palavras do poema

e as crianças responderam com palavras, tentando encontrar características que os itens citados na poesia tinham em comum. A professora então deu a dica: "é uma letra". Um dos alunos acertou.

A professora circulou as letras "o" no texto e reescreveu a poesia no quadro, deixando em branco os espaços das palavras. Logo depois pediu para as crianças falarem qual palavra completava cada espaço e para ditarem como se escreve, completando a poesia no quadro. Depois entregou a cada um dos alunos figuras com a letra "o", para que estes as recortassem e colassem no caderno. Novamente no quadro, ela foi perguntando aos alunos qual a primeira, a segunda, a terceira letra das palavras e foi formando-as no quadro. Os alunos foram copiando as palavras do lado de cada figura.

Nesta atividade, pode-se perceber que os alunos estão aprendendo uma letra a partir de um material escrito e que também estão praticando a decodificação e a sistematização, como propõe Soares (2003). No entanto, o texto ainda é 'acartilhado'¹ em certo grau. Por um lado, a poesia é um texto que circula socialmente, mas neste caso ainda está artificial, já que é possível perceber que foi forjado para ensinar a letra "o". O ideal seria um texto social, com o qual as crianças lidem cotidianamente, para procurarem nele as letras, como um bilhete, por exemplo, que é um texto pequeno e que os alunos provavelmente utilizarão no dia-a-dia.

A reflexão sobre a segunda atividade será construída com base na perspectiva de Soares (2003), que fala de pesquisas referentes aos princípios da alfabetização realizadas em diversos países, nas quais foi concluído que o aprendizado ocorre de melhor forma quando o sistema alfabético/ortográfico é relacionado com o sistema fonológico.

Ainda trabalhando a letra "o", a professora pediu aos alunos palavras que começassem ou tivessem esta letra e as escrevessem no quadro. No decorrer da atividade, ela chamava a atenção dos alunos para o som desta vogal em palavras como "bola" e "urso", que não começam com "o", mas possuem esta letra em sua representação gráfica.

Desta forma, é constatado que nesta turma acontece uma reflexão fonológica em relação ao sistema alfabético e ortográfico.

¹ Textos artificiais; frases, palavras, sílabas e/ou letras aleatórias; cartilhas de alfabetização.

Após tal atividade, a docente pediu inicialmente para que as crianças colorissem figuras que começavam com a letra "o" na atividade entregue, depois que pintassem as que terminam com a mesma letra e que copiassem as palavras. Ela foi perguntando às crianças como se escreviam as palavras, refletindo novamente sobre os sons, e escrevendo-as no quadro.

Levando em consideração os dados analisados, pode-se concluir que o trabalho com a alfabetização, nesta turma específica, consiste na reflexão da relação fonema/grafema, no aprendizado de unidades através de textos e no incentivo à prática de uma leitura mais profunda, embora o uso de textos que circulam em situações da vida cotidiana e de projetos de letramento não seja recorrente.

Existe, neste espaço, a convivência com livros através de gibis e livros infantis que ficam ao alcance das crianças em uma estante para leitura deleite nos momentos de intervalo, fato que proporciona o contato com textos, mesmo que os alunos da turma ainda não saibam ler. Além disso, existe também o incentivo ao pensamento coletivo, como foi indicado no início desta seção.

Escola B

A rotina dessa turma era gerenciada pela professora e por um estagiário. Quadros e cartazes se dividiam entre avisos, lembretes e conteúdo didático. O estagiário era encarregado de corrigir o caderno de tarefas, escrevendo incentivos e congratulações, de verificar o caderno de bilhetes e auxiliar a professora na organização de saída de sala e na efetivação das tarefas. A professora ajudava a entender os avisos e cartazes e escrevia no quadro a rotina do dia (entrada, atividades, intervalo e saída) e envolvia os alunos nessas dinâmicas e nas regras de convivência, mantendo-os concentrados e ativos.

Dentro e fora de sala, apesar do objetivo matemático da aula, a professora utiliza multiletramentos para ensinar a linguagem como um todo. Dentre as atividades nas quais os alunos coloriam objetos e escreviam sua quantidade, havia também atividades de leitura interligadas à matemática, sessão de cinema com filmes infantis e mitológicos e de inclusão à cultura africana, atividades de entrevista com pais e parentes, teatro, gincanas e brincadeiras como forca e jogo de tabuleiro, no qual o próprio aluno é a peça e joga um dado gigante, uso do

tablete para desenho, escrita e leitura, visita à biblioteca municipal com conhecimento dos livros, inclusive livros em braile, leitura, teatro e música.

Pode-se perceber a importância do letramento na alfabetização, a relevância de utilizar o conhecimento prévio dos alunos e de seu convívio social para proporcionar um aprendizado da língua, no qual o aprendizado das regras que organizam o sistema de escrita alfabética – relacionar sons com letras, fonemas com grafemas para codificar ou decodificar e aprender a usar o lápis e que se escreve de cima para baixo e da esquerda para a direita – e o seu uso caminham lado a lado. Como colocado por Soares (2003), tão importante quanto ensinar ao aluno os aspectos formais da língua é ensinar ao aluno a usar essa técnica no seu cotidiano, a entender que a escola não é um universo a parte de seu convívio social.

Na primeira atividade observada, a professora desenvolveu uma série de perguntas acerca do passado das crianças, no caso sua vida de bebê. Os alunos deveriam perguntar aos pais sobre o dia do seu nascimento, a hora, o clima/tempo; sobre suas preferências enquanto bebê; sobre seu temperamento; sobre suas “primeiras vezes”.

Após a entrevista feita, o aluno deveria levar uma foto de quando era bebê e a folha com as anotações para a aula e, assim, a professora chamaria aluno por aluno, cinco por aula, para contar à turma como foi seu passado. A professora também enfatizava os papéis da entrevista, o aluno como entrevistador, a mãe/pai/responsável como entrevistado e a professora e a classe como leitores. A cada dia de relato, a professora fazia um fechamento, tratando de algum aspecto da entrevista, normalmente acompanhado de lição. Ensinava números, horas, dias da semana e do mês, a escrita do nome, estações do ano e clima, entre outras coisas, como o nome de objetos específicos, chupeta e berço, por exemplo. Ao findar das apresentações, a professora criou um mural de fotos e dados do passado de cada aluno.

Percebe-se então que a professora – de matemática – ao ensinar os números, os contextualiza em um projeto de letramento. Ela utiliza uma situação relevante, promove a escrita e o aprimoramento dos alunos quanto à matéria (números, calendário, hora), desenvolvendo um produto e um resultado que circulam na escola, no caso um mural.

Numa segunda atividade, a professora utilizou o *tablet* em sala, a proposta era que os alunos criassem desenhos num programa semelhante ao *paint* no

computador. Antes de começar a atividade propriamente dita, a professora e o estagiário deveriam explicar aos alunos como usar o programa, seu menu e suas funções. Independente da capacidade do aluno quanto à língua (alunos pré-silábicos e silábicos), a desenvoltura destes foi surpreendente. Os alunos, amparados pelos ícones de cada função e pelo conhecimento prévio, não apenas produziram mais de um desenho, como também nomes e palavras em geral (navio, amém, carro). O contato dos alunos com diversas mídias (televisão, celulares, tabletes e computadores) fora do ambiente escolar parece fazer com que as crianças identifiquem os botões de função mais comuns nessas mídias, ainda que não saibam ler. Eles reconhecem tanto os símbolos quanto as palavras (desligar, ligar, menu, volume, deletar, apagar etc.).

O fundamental é que as crianças estejam imersas em um contexto letrado [...] ambiente alfabetizador – e que, nesse contexto, sejam aproveitadas, de forma planejada e sistemática, todas as oportunidades para dar continuidade aos processos de alfabetização e letramento que elas já vinham vivenciando antes de chegar ao ensino fundamental (SILVA, 2010, p. 64).

As aulas de multimídia são uma prática da escola e o seu conteúdo é livre, faz-se uso do *tablet* para desenhos e do *datashow* para visualização de filmes e pequenos vídeos. Mas nem sempre se realiza uma atividade como fechamento do que foi assimilado nesse contato com o *tablet*. Após findar essa atividade, parte-se para outra de sistematização dos conhecimentos, com tarefas de reconhecimento da grafia numérica. Quanto ao uso do *datashow*, após a visualização do filme ou vídeo, faz-se uma breve discussão e conclusão da estória visualizada com os alunos e em seguida um desenho sobre o tema. A professora também busca tirar da memória dos alunos alguns detalhes do filme que cabem na matéria, como por exemplo, a quantidade de determinados objetos ou personagens havia no filme. Ainda que um pouco aleatória, a inserção de multimídias na sala de aula aproxima o ambiente escolar da realidade do aluno, uma vez que o contato com essas mídias fora da escola acontece muito cedo. Seu uso auxilia também na efetivação de tarefas e no melhoramento da coordenação motora do aluno. Como acrescenta Soares, “[...] é assim que se aprende qualquer coisa: interagindo com o objeto de conhecimento.” (2010, p. 17)

Para a terceira atividade, evidenciamos o excerto do material de "Pacto nacional pela alfabetização na idade certa" organizado pelo Ministério da Educação. Segundo o documento, [...] podem ser realizadas situações didáticas para desenvolver nas crianças a capacidade de elaborar inferências, utilizando, para isso, textos de determinado gênero, com determinado tipo de vocabulário e de complexidade sintática; [...]. (2012, p. 31-32). Assim, nessa atividade houve a leitura de um livro, "A Dona Raposa e a Dona Cegonha". O objetivo principal deste era enfatizar as formas geométricas, o que se deu da seguinte maneira: na estória, a Dona Raposa convida a Dona Cegonha para jantar, mas a raposa serve uma sopa em um prato raso, no qual a cegonha não consegue comer com seu bico fino e comprido. A cegonha vai para a casa com fome, mas antes convida a raposa para jantar também. No dia seguinte, a raposa vai à casa da cegonha, que serve uma sopa em um cilindro muito comprido e a raposa não consegue fazer seu focinho alcançar a sopa.

Antes de partir para a lição, a professora segue para a breve discussão e conclusão acerca do texto. Os alunos percebem toda a finalidade do texto, que se trata de apresentar as formas, mas não deixam de atentar para o aspecto literário e se indignam com a falta de educação por parte da raposa. A professora, então, comenta um dito popular, "Quem com ferro fere, com ferro será ferido.", todas as crianças, surpreendentemente, entenderam a lógica do dito sem muita explicação e a professora acrescenta: "Não podemos fazer com os outros, o que não queremos que façam com a gente, mas também não devemos nos vingar do coleguinha. Temos que sempre ajudar e ser bondosos". Os alunos foram estimulados a inferir e assim bem fizeram. Além disso, práticas de convívio foram assimiladas. Desta forma a professora cumpre seu papel de formadora de cidadãos e promove o desenvolvimento de leitores críticos, ao encontro dos preceitos de Cafiero (2010).

Escola C

Em um primeiro momento, nessa seção, procuramos fazer um panorama da sala de aula, observando os níveis dos alunos com relação à etapa de alfabetização, e para tal, seguimos a hipótese de alfabetização de Ferreiro e Teberosky (1999). A partir disso, observou-se que a maioria os alunos frequentes condizem com o que se espera para o ano do processo de alfabetização no qual

estão inseridos; assim, os alunos se apresentam saindo da etapa silábico-alfabética e adentrando na etapa alfabética.

No que se refere à leitura, observou-se que a maioria dos alunos tem muita dificuldade em fazer leituras contínuas, acabando por focar na leitura pausada de sílaba-a-sílaba, ou seja, eles decodificam os signos sem compreender o sentido ali apresentado. Essa dificuldade na leitura, observada nesta sala de aula, se repete em muitas outras, e talvez isso ocorra pelo fato de o aluno, desde o início da alfabetização, ser sempre instruído a focar no estudo da “parte” para o “todo”, ao invés de procurar focar no sentido primeiro do “todo” e depois partir para o estudo das “partes”, sendo esta “parte” as estruturas linguísticas mínimas apresentadas (letras, sons, sílabas...) e o “todo” o texto. Após este panorama dos alunos, vejamos abaixo as atividades desenvolvidas pela professora. E para a análise de uma das atividades desenvolvidas, destacamos o seguinte trecho de Albuquerque:

Pregava-se [com a difusão dos trabalhos da Psicogênese da Língua Escrita] a necessidade de possibilitar que as crianças se apropriassem do Sistema de Escrita Alfabética a partir da interação com diferentes textos escritos em atividades significativas de leitura e produção de textos, desde a Educação Infantil (2012, p. 17).

Ao contrário do que cita Albuquerque no trecho acima, a professora, em suas atividades em sala de aula, pedia para os alunos fazerem excessivos exercícios referentes ao Sistema de Escrita Alfabética para que eles “aprendessem” decorando, não levando o aluno a pensar, nem a refletir sobre o sistema de escrita. Por exemplo, em um exercício dado pela professora, ao invés de apresentar ao aluno uma característica da Língua Portuguesa, em que todas as sílabas contêm uma vogal, a professora pediu sessenta exercícios de separação silábica sem muito contexto de explicação.

A partir disso, notamos que seria mais adequado ensinar aos alunos o Sistema de Escrita Alfabética, por exemplo, utilizando um pequeno texto significativo do cotidiano das crianças e desenvolvendo atividades, a fim de levar os alunos a uma reflexão que contemplasse o sistema de escrita para um melhor entendimento. Assim, concluímos que esta atividade da docente poderia ser mais produtiva para os alunos se fosse menos sistemática/mecânica e mais reflexiva.

Os alunos, como já apresentado, estão caminhando para o nível alfabético, o que não quer dizer necessariamente ortográfico. Vale ressaltar que a ortografia e a alfabetização são aprendizagens diferentes, mas essenciais, obviamente, para o aprendizado da escrita. "Assim, a ortografia é um recurso, uma convenção social, que vem para 'cristalizar' na escrita as diferentes maneiras de falar dos usuários de uma mesma língua" (MORAIS, 2007, p. 19). Com isso, na prática de observação desse terceiro ano do ensino fundamental, notamos o começo do ensino de ortografia por parte da docente, que desenvolve com os seus alunos, todas as semanas, um campeonato de ditado, a fim de incentivar e animar as crianças ao mesmo tempo em que apresenta as regras ortográficas.

Em um primeiro momento, vemos que o campeonato de ditado fomenta a participação da maioria dos alunos que, influenciados pelo espírito da competição, sentem-se entusiasmados com o evento semanal. Porém, num segundo momento percebemos que o ditado, às vezes, é usado como forma de castigo, pois a professora repreende os alunos, quando eles conversam muito entre si na aula, ditando muitas palavras até eles "aprenderem" a fazer silêncio em sala.

Além disso, apesar de o ditado ser um bom exercício de ortografia, ele foca em uma dificuldade já "pré-determinada", a qual os alunos normalmente conseguem vencer. Eles cometem muito mais erros nos seus textos espontâneos (MORAIS, 2007), o que nos leva a refletir se somente os ditados seriam o suficiente para identificar os maiores problemas dos alunos ao escrever, ou se a utilização de outras atividades mais dinâmicas seria melhor para o desenvolvimento, por parte do aluno, na ortografia.

Observamos o desenvolver desta questão em Morais (2007), em que o autor apresenta alguns possíveis princípios que podem vir a nortear o ensino de ortografia. Dentre eles, temos que "a criança necessita conviver com modelos nos quais apareça a norma ortográfica" (MORAIS, 2007, p.61), o que justamente pode ser aderido ao processo de letramento com textos de circulação social adequados para as crianças. Deste modo, temos que, além do ditado, seria também interessante que a professora fizesse atividades distintas que abordassem de maneira diferente o ensino de ortografia.

Por exemplo, através de um poema, de uma notícia, de histórias infantis, de revistas, de letreiros, de placas que vemos nas ruas etc. dos quais se possa retirar modelos que fazem os alunos refletirem e confrontarem as normas

ortográficas. Com isso, a leitura de materiais que apresentam bons modelos vai vir a complementar ainda mais o ensino e a reflexão da professora em sala.

Outra atividade que é feita em todas as semanas pela professora é o fornecimento de um livro diferente para cada aluno ler em casa. Esta prática é essencial no desenvolvimento do processo de alfabetização das crianças, pois a leitura é essencial para que os levem aos maiores graus de ensinamento. No entanto, a docente não pede nenhuma atividade referente ao livro, o que acarreta, na maioria das vezes, na não leitura por partes dos alunos.

É fundamental que o professor como aquele que leva o aluno a construir conhecimento, incentive os alunos de forma mais dinâmica e interessante, a fim de estimulá-los não só no ensino de língua portuguesa, mas também em outras áreas. A disponibilidade dos livros já é um enorme passo para a sala, já que em outras escolas e salas isso pode não ser possível de se conseguir, entretanto deve-se tirar proveito desta disponibilidade e desenvolver com os alunos atividades mais dinâmicas e reflexivas.

Escola D

Nesta escola, já no primeiro dia de observação, algumas diferenças entre a turma de 9º ano regular e a turma de 8º/9º ano de aceleração puderam ser verificadas. O número de alunos frequentes nas duas turmas se diferenciava muito, na turma 1 (9º ano regular) a maioria dos alunos é frequente, já na turma 2 (8º/9º ano de aceleração)², há alunos que nunca apareceram nas aulas ou quase nunca vão. Na turma de aceleração dos 35 alunos matriculados, a média diária de frequentes varia entre 15 e 18.

Outra diferença está na idade, a turma 1 é formada por alunos em idade escolar regular, ou seja, a completar 14 ou 15 anos que nunca repetiram nenhuma série escolar. Já a outra é constituída de alunos repetentes em idade irregular, com mais de 15 anos de idade. Além disso, conversando com os profissionais atuantes na escola, pode-se perceber que alguns alunos da turma 2 apresentavam

² O Programa Aceleração de Estudos no Ensino Fundamental de 5ª a 8ª série é voltado para adolescentes ou adultos, a partir de 14 anos, que estejam em distorção idade/série, no mínimo de 02 anos e que apresentem nível de escolaridade compatível ao seu ingresso nas quatro últimas séries do ensino fundamental. O objetivo do programa é oportunizar aceleração de estudos a alunos que se encontram em distorção idade/série na segunda etapa do Ensino Fundamental.

problemas sociais que atrapalhavam o desenvolvimento individual dos mesmos nas aulas, demonstrando problemas sérios de comportamento, respeito à autoridade e envolvimento com drogas, que resultaram em intervenções do Conselho Tutelar. O assunto das conversas dos alunos eram, em sua maioria, sobre armas, drogas, seus feitos dentro dos “bondes” ou “ganguês” e sexo.

A situação destes alunos é tão grave que já não obedecem ou respeitam seus pais, professores ou qualquer superior. Casos de agressões aos familiares e aos colegas e envolvimento em atividades ilícitas não são raridade. Um grande obstáculo enfrentado pela professora a cada dia era fazer com que eles a respeitassem dentro de sala como autoridade e também se respeitassem, considerando suas diferenças e atritos; além de sempre tentar inovar o conteúdo, buscando através de comparações aproximar a realidade dos alunos à matéria. Segundo Rangel, a escola tem o papel fundamental de formar cidadãos e conscientizá-los de seus direitos, deveres e diferenças:

[...] cabe à escola, entre muitas atribuições, dar a todos uma mesma formação básica, [...] E como essa herança só se constitui em meio a diferenças de todo tipo – gênero, cor, etnia, condição social, etc., deve-se entender por básica, aquela formação que permita ao indivíduo, independentemente de suas condições particulares iniciais, constituir-se como protagonista da sociedade em que vive, em pé de igualdade com qualquer outro indivíduo [...] (RANGEL, 2010, p. 184).

E é basicamente esse o maior desafio enfrentado pela professora todos os dias, não só na turma 2, mas na turma 1, que também apresenta problemas de comportamento, embora não tão expressivos quanto a turma 2. O difícil era conseguir manter o interesse de todos nas aulas, considerando a heterogeneidade dos alunos, de estilos e gostos completamente diferentes. As atividades propostas nem sempre agradavam a todos, pois o ser humano, apesar de partilhar algumas opiniões, nunca compartilha todos os gostos nem concorda com tudo. Esta é uma dificuldade geral no ensino.

A primeira atividade foi desenvolvida nas duas turmas, da mesma maneira, por uma mesma professora. Ela exibiu o filme “Confissões de adolescente” e pediu aos alunos para que produzissem um texto do gênero resumo sobre o filme. O resultado foi positivo de um lado, mas nem tanto no outro. Pode-se observar que a noção do gênero estava no plano da oralidade, pois todos conseguiram narrar

resumidamente os acontecimentos do filme, porém os erros de ortografia, que é um dos temas deste artigo, foram surpreendentes. Abaixo, estão transcritos trechos de duas produções dos alunos, uma de cada turma. As redações completas encontram-se em forma de anexo ao final do artigo.

o filme conta sobre uma adolescente que gostava de ficar no facebook e que o pai delas ele passava uma necessidade em casa e que ele queria muda de casa, mas as filias não queria a elas falavam que inhão mudar de casa e elas falaram que inha a baixar os custos da casa delas (...). - trecho da produção de um aluno da turma 2.

Como se vê, o aluno não faz uso de pontuação alguma e escreve como se estivesse falando, sem demarcar parágrafos, vírgulas, pontos e nem mesmo maiúsculas, pois ele já inicia o texto com letra minúscula. Isso demonstra uma falha grave no ensino que esse aluno obteve, habilidades que deveriam ter sido trabalhadas e desenvolvidas nas séries iniciais e somente aprimoradas depois, não foram executadas de maneira eficiente, o que resultou nessa grave deficiência na escrita.

Já o aluno da turma 1, faz as demarcações de parágrafo e usa alguma pontuação, porém mínima; a única marcação utilizada é o ponto que ocupa também o lugar das vírgulas e lugares que não deveriam estar vazios.

O filme fala sobre adolescentes que se dizem. Já ser amadurecidos. Que procuram experimentar novos desejos. E nesse filme também fala algo superimportante. de uma menina que escolhe. ter relação com alguém do mesmo Sexo. (...) - aluno da turma 1.

Esse problema tem sido bem recorrente nas escolas, principalmente nas públicas. Os alunos evoluem de séries sem desenvolverem satisfatoriamente as habilidades exigidas pelo currículo escolar daquele ano e chegam às séries mais avançadas com grandes dificuldades, não só interpretativa como também ortográfica, como se vê nas redações desses dois alunos de turmas de 8º e 9º anos do ensino fundamental. Rojo (apud RANGEL, 2010, p. 188) mostra que,

Apenas 5,3% dos estudantes apresentam um nível de proficiência condizente com onze anos de escolarização, constituindo-se leitores competentes em relação a diversos tipos de textos [...].

[...] isso quer dizer que nossa escola não tem garantido aos alunos a formação básica necessária. Não tem cumprido adequadamente, portanto, o seu papel de promover a plena cidadania (RANGEL, 2010, p.188).

A segunda atividade foi desenvolvida apenas na turma 1, pois devido à grande defasagem observada pela professora, na turma dois, o conteúdo teve de ser adaptado. Foi pedido pela professora, que os alunos se reunissem em dois grupos e discutissem cada um sobre um tema que era "Mulheres sem autonomia" para um grupo e "Mulheres independentes / autônomas" para o outro, e a partir da discussão cada grupo defendesse seu tema utilizando como argumento os países que adotam tal política.

O resultado foi muito bom. Embora nos grupos fosse possível encontrar um ou dois alunos que não participaram efetivamente do trabalho, a grande maioria participou e se desempenhou para que a atividade fosse concluída com êxito. A discussão, que era para ser polêmica e problemática, se transformou em uma discussão saudável que contribuiu para o conhecimento de mundo dos participantes. Assim, os alunos aprenderam sobre vários países e culturas e puderam compreender como se produz um texto de opinião, pois cada grupo teve que produzir um artigo de opinião apresentando e utilizando como base os países pesquisados.

Através da postura adotada pela professora, pode-se concluir que ela tem se esforçado para cumprir com seu papel de profissional, tentando sempre aproximar o conteúdo de forma útil à realidade vivenciada pelos alunos e cumprindo o papel de formar cidadãos. O que não foi possível observar, devido ao pouco tempo de observação (é importante ressaltar que para concluir algo sobre esse aspecto seria necessário acompanhar todo o ano letivo de aulas), é se a professora adotou alguma metodologia mais adequada para suprir a carência ortográfica que acompanha estes alunos e se isso surtiu efeito.

Porém, sabe-se bem que esta não é uma situação isolada vivenciada apenas por essas turmas e pela professora observada, esta situação se reflete em todo o país, e para que seja revertida é necessário rever não só a postura dos profissionais dentro de sala, como também os currículos. É necessário avaliar se, por exemplo, o programa de aceleração é realmente a melhor alternativa para um aluno com dificuldades como essas aqui demonstradas, cursando dois anos ao mesmo tempo. Como o professor pode trabalhar questões tão importantes como

estas, e dar a devida atenção merecida para este indivíduo em sala de aula, se ele tem o conteúdo de dois anos para dar em apenas um?

Estas devem ser questões ainda debatidas para que novos projetos de alfabetização sejam criados e possam surtir um resultado positivo. Quem sabe assim, os dados estatísticos sobre o aproveitamento do aluno ao fim dos onze anos de escolarização sejam melhores.

5 Considerações finais

Com base nas análises das atividades, serão respondidas as questões que foram colocadas na introdução. Primeiramente, percebe-se que nas salas observadas uma proposta de ensino baseada na perspectiva do letramento não está sendo realizada na maioria dos casos. Somente a turma da escola B caminha para uma alfabetização aliada ao letramento, com o uso de textos que circulam socialmente. No que diz respeito ao papel da escola como formadora de cidadãos, as turmas tentam integrar ao contexto escolar as práticas cotidianas, ainda que não seja pelas vias do ensino da língua – norma e uso. Entretanto, a turma da escola C não utiliza nem as práticas de letramento nem a postura de formadora de cidadãos.

Desta forma, concluímos que, no geral, as turmas das escolas observadas não promovem propriamente a ampliação do letramento do aluno, mas tentam cumprir o seu papel social, o que traz a sensação de uma caminhada para melhorias na educação, que acontecerá, principalmente, se as escolas começarem a compreender e a trabalhar cada vez mais a diversidade textual.

Referências

ALBUQUERQUE, E. Currículo na alfabetização: concepções e princípios. In: **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa**. Brasília, 2012.

CAFIEIRO, D. Letramento e leitura: formando leitores críticos. In: **Coleção explorando o ensino – Língua Portuguesa Ensino Fundamental**. Brasília, v. 10, 2010.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein et al. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

KLEIMAN, A. Letramento e suas implicações para o ensino de Língua Materna. In: **Signo**. Santa Cruz do Sul, 2007.

MORAIS, A. **Ortografia: ensinar e aprender**. 4 ed. São Paulo: Editora Ática, 2007.

RANGEL, Egon de Oliveira. Educação para o convívio republicano: o ensino de Língua Portuguesa pode colaborar para a construção da cidadania? In: **Coleção explorando o ensino – Língua Portuguesa Ensino Fundamental**. Brasília, v. 10, 2010.

ROJO, Rosane. Alfabetização e letramentos múltiplos: como alfabetizar letrando? In: **Coleção explorando o ensino – Língua Portuguesa Ensino Fundamental**. Brasília, v. 10, 2010.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. Programa Aceleração de Estudos no Ensino Fundamental de 5ª A 8ª Série. São Luís. Disponível em: <http://www.educacao.ma.gov.br/ExibirPagina.aspx?id=246>. Acesso em: 28 de junho, 2015.

SILVA, Ceris Salete Ribas. O processo de alfabetização no contexto do ensino fundamental de nove anos. In: **Coleção explorando o ensino – Língua Portuguesa Ensino Fundamental**. Brasília, v. 10, 2010.

SOARES, Magda. A reinvenção da alfabetização. In: **Presença pedagógica**. Belo Horizonte v. 9, 2003.

ANEXO

Produção de texto do aluno da turma 1, completa e transcrita da mesma forma que ele escreveu originalmente:

“O filme fala sobre adolescentes que se dizem. Já ser amadurecidos. Que procuram experimentar novos desejos. E nesse filme também fala algo Super importante. de uma menina que escolhe. ter relação com alguém do mesmo Sexo. É outro caso também de uma adolescente que a mesma dizia ser 'BV' pois ela tinha dificuldades, e medo de Beijar alguém. E esse fato acontece muito nos dias de hoje. E esse fato acontece muito nos dias de hoje. E esse fato acontece muito nos dias de hoje. E a família de Tína passar por várias dificuldades financeiras. mais eles conseguiram contornar fazendo economia e etc. E Sua irmã Alice Com Seu namorado não fiava somente de beijo e abraço. E um certo dia algo inesperável aconteceu e que ninguém achava que Iria acontecer ela engravidou na hora do dois ficaram assustados mais Se uniram. para encarar tudo isso. E a mais nova arrumou um namoradinho. E todos terminaram juntos e felizes.”

Produção de texto do aluno da turma 2 completa e transcrita da mesma forma que ele escreveu originalmente:

“o filme conta sobre ums adolescente que gostava de ficar no facebok e que o pai delas ele passava uma nessecidade em casa e que ele queria muda de casa mas as filias não queria a elas falavam que inhão mudar de casa e elas falaram que inha a baixar os custos da casa delas e tinha a bianca que inha perde a sua primeira vez ai ela tinha ficado grávida ai ela tinha que falar. Com o pai dela a ela pedido para a miga do pai perder com selios para ela falar com ele falar que não era um bicho de 7 cabissa que era só conversa que era para ela ficar tranquila chegou no final do filme tinha uma festa de aniversario ai ela falo com o pai dela o que ela tava grávido em um quarto”